

DA POLARIZAÇÃO E DO DISTANCIAMENTO ÀS POSSIBILIDADES DO ENCONTRO

Fernando Gross

Sacerdote Católico. Mestre em Teologia pela PUC-SP; Doutorando em Teologia pela PUC-SP, professor no CCDEJ. Membro da Comissão Nacional do Diálogo Católico Judaico – DCJ.

E-mail: grossfernando@gmail.com

José Amarante

Rabino pelo AOP–Alliance for a Jewish Renewal; Engenheiro Civil pela UFRJ e Mestre em Administração de Empresas pela FGV-EAESP. Membro da Comissão Nacional do Diálogo Católico Judaico – DCJ. Líder da *chavurah* HALELU de São Paulo, SP.

E-mail: zeh.halelu@gmail.com

RESUMO

Polarização e distanciamento podem ser revertidos. Quando o esforço comum de dialogar supera o ensino de dois mil anos de desprezo, isso pode servir de incentivo à aproximação. A evolução histórica do diálogo entre Cristãos e Judeus, aponta sua formalização no Século XX com a atribuição, primeiramente à comunidade Cristã, de dar passos relevantes para mitigar a polarização, e em um segundo momento de estabelecer compromissos de ambas as partes e com a inclusão potencial de outras tradições. Finalmente aponta a evolução do diálogo *dialético* para o *dialógico*, uma emergência atual para vivermos como irmãos, para nos encontrarmos como sujeitos, dialogando sobre nós próprios, e não sobre nossas opiniões. A vida não é estática e o futuro é imprevisível, e apenas o diálogo permitirá evoluir para uma sociedade humana mais fraterna, comprometida com a preservação do planeta, o que é cada vez menos opcional, e sim obrigatório.

Palavras-chaves: Judaísmo; Cristianismo; Diálogo Inter-religioso.

ABSTRACT:

Polarization and distancing can be reverted. When a common effort to dialogue outweighs the teaching of two thousand years of contempt, this may encourage to get closer. The historical evolution of the Christian-Jewish dialogue, points out to its formalization in the XXth Century first addressing the Christian Community to take some relevant steps to mitigate polarization, followed by the establishment of commitments of both religions and religious communities, also with the potential inclusion of other traditions. Finally, it points out to the evolution from a *dialectical dialogue* to a *dialogical dialogue*, a current emergency for us to live as brothers, to meet as subjects, dialoguing about ourselves, rather than opinions we may have. Life is not steady, and the future is unpredictable, and only the dialogue will support evolution into a more fraternal human society, committed with the planetary preservation, something that is progressively less optional, and even mandatory.

Keywords: Judaism; Christianity; Interreligious Dialogue.

O cisma Judaico-Cristão

O aparecimento do Cristianismo na época do Segundo Templo marcou e influenciou definitivamente a história da civilização ocidental. A nova fé religiosa surgiu a partir de uma série de eventos e seus desdobramentos, divergindo radicalmente da religião da qual se originou, em um processo em que as comunidades Judaica e Cristã se separaram (SCHIFFMAN, 1991, p. 139).

À medida em que os governadores ou procuradores Romanos impuseram aos Judeus restrições ou proibições, demonstraram sua incapacidade de entender a centralidade para os Judeus de sua prática religiosa e de suas leis ancestrais. Com exceção de alguns grupos extremistas e nacionalistas, motivados por tendências apocalípticas, os Judeus desejavam apenas ter liberdade religiosa. Este parece ter sido um ambiente propício ao surgimento de dissensões dentro do Judaísmo. Havia também uma expectativa pela restauração do Reino— e ansiedade para que isso acontecesse de forma rápida—, ainda ecoando o trauma da destruição do Primeiro Templo e o exílio na Babilônia. A frustração gerada por esta expectativa não consumada ensejou, com o passar do tempo, a proliferação dos grupos sectários e é neste contexto que nasce o movimento de um grupo de Judeus que enxergava o messias na pessoa de Jesus, que pregava a mensagem social dos Fariseus num ambiente onde a opressão Romana levou muitos à miséria e à degradação (SCHIFFMAN, 1998, p. 370).

Seu discurso estava, em grande medida, alinhado às denúncias indignadas dos Profetas que acusavam os sacerdotes e os poderosos, de se alienarem de suas atribuições, e eventualmente oprimirem e explorarem os menos favorecidos e nada fazerem para corrigir as desigualdades, (HESCHEL, 1962, p. 4-31). Neste sentido, Jesus, mesmo disposto ao sacrifício máximo por amor, demonstra em alguns momentos grande indignação, que se manifesta através até da raiva, como em Marcos 3:5, “Irado, olhou para os que estavam à sua volta e, profundamente entristecido por causa do coração endurecido deles, disse ao homem: ‘Estenda a mão’. Ele a estendeu, e ela foi restaurada” e em João 2:14-16:

¹⁴No pátio do templo viu alguns vendendo bois, ovelhas e pombas, e outros assentados diante de mesas, trocando dinheiro. ¹⁵Então ele fez um chicote de cordas e expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois; espalhou as moedas dos cambistas e virou as suas

mesas. ¹⁶Aos que vendiam pombas disse: “Tirem estas coisas daqui! Parem de fazer da casa de meu Pai um mercado!”

As circunstâncias rapidamente levaram ao aumento da tensão entre os Judeus e o grupo de seguidores de Jesus, que logo começou a se desenvolver como uma comunidade religiosa independente.

Os Rabinos consideraram os movimentos sectários como uma forma de heresia e chegaram a incluir uma bênção na *Amidah*—a parte central da reza—contra os grupos separatistas, incluindo os primeiros Cristãos, grupos esses que, a seu ver, eram uma ameaça à religião dos Judeus, por conta do proselitismo exacerbado com que buscavam divulgar suas ideias e angariar novos seguidores. Em Yavneh foi introduzida o que seria a última bênção cronologicamente a ser incluída na *Amidah* (SCHIFFMAN, 1998, p. 414), conhecida como *birkat haminim* (bênção dos hereges) que se trata, na verdade, de uma maldição e não de uma bênção.¹ A introdução desta *brakhah* (bênção) nos dá a dimensão da eletricidade e da tensão no ambiente polarizado. Na estrutura da *Amidah*, ela vem logo depois da bênção sobre a Restauração da Justiça, e antes das bênçãos dos Justos, da Reconstrução de Jerusalém, e da Reinstalação do Reino de David, que aludem à volta do poder de Jerusalém, à reinstalação do Reino, e à vinda do Messias. Certamente a ansiedade era de tal forma elevada, que seria impensável à época que a restauração do Reino não aconteceria pelo menos pelos próximos vinte séculos, até o estabelecimento do Estado de Israel, a melhor *proxi* até hoje do que poderia ser a reinstalação do Reino de David.

Os Cristãos permaneceram suscetíveis à influência Judaica de fato por curto período de tempo. O apelo da nova fé propagou-se rapidamente entre os Judeus da diáspora sob influência da cultura grega, e depois largamente nos domínios do Império Romano, escapando completamente dos costumes e da autoridade Judaica. (CHAZAN, 2000, p. 9)

Não obstante, o antagonismo foi continuamente alimentado, talvez até como reação ao trauma coletivo na origem, e serviu durante muito tempo para a afirmação do próprio Cristianismo, com a figura do Judeu povoando a literatura ao longo da história como “figura

¹ A *Amidah* é também conhecida como ‘*shmona esre*’, ou ‘dezoito’ por conter dezoito bênçãos; com a inclusão da *birkat haminim*, o número de bênçãos passou a dezenove; no entanto, até hoje prevalece o nome ‘*shmona esre*’.

antagônica necessária”, sendo o “testemunho ocular” do destino e crescimento da Igreja e seus percalços:

Nestes textos, o judeu emerge como sujeito coletivo e figura antagônica necessária. Na dinâmica discursiva, é testemunho ocular não apenas do destino e crescimento da Igreja, como também de sua própria ruína e desvio. (SANCOVSKY, 2012, p. 15)

Ecos dessa figura antagônica necessária povoam inclusive o teatro brasileiro. (Cf. de TOLEDO BERGERMAN, 2013)

Evolução para o diálogo

Wolfgang Gruen relembra a contextualização de dois milênios de “ensinamento do desprezo”, frase de autoria de Jules Isaac, mas igualmente de tempos mais pacíficos:

Houve períodos de convivência quase normal de Cristãos e Judeus, mas sempre sob a espada de Dâmocles. Vários papas proibiram violência contra os Judeus: Gregório Magno (590-604), Calisto II (1120), Inocêncio II (1198–1216), Clemente VI (1342), Júlio II (1503–1513), Leão X (1513–1521), Clemente VII (1523–1534), Paulo III (1534–1549). No Século XVII, contam-se 12 editos papais que proibiram molestar os judeus durante o carnaval, sinal de que o abuso continuava apesar das proibições. [...] Uma coisa é certa: grande parte das formas de repressão anti-judaica, inclusive a *Shoah*, buscaram legitimação ideológica na religião Cristã. (BIZON, 2005, p. 140-141)

Passado este tempo povoado por períodos de trevas, de profunda radicalização, mas finalmente com movimentos de aproximação, de lado a lado, desenvolvem-se iniciativas de diálogo, quando um número significativo de Cristãos e Judeus—não sectários—, consultando seus próprios valores éticos percebem que há muito em comum nas duas religiões.

O Século XX marca o surgimento de movimentos de aproximação ao Diálogo entre Cristãos e Judeus, catalisado pela “Conferência Emergencial Internacional sobre o Anti-Semitismo”. Realizada em Seelisberg, Suíça, em 1947, a Conferência notabilizou-se pelo documento “Os Dez Pontos de Seelisberg”, considerado um marco decisivo na evolução das condições para o diálogo, apesar de elencar pontos objetivos a serem observados, atualizados ou corrigidos na interação de Católicos com Judeus, dirigindo-se, como agentes, unicamente aos Cristãos, e aos Judeus apenas como testemunhas. Os movimentos precursores,

anteriores à Conferência de Seelisberg foram sintetizados por Rutishauser:

Desde o início do século XX, pensadores Judeus e Cristãos tentaram individualmente formular positivamente uma nova percepção dessa relação que incluía as diferenças, bem como o autoconhecimento complementar das duas comunidades religiosas. Entre eles destacamos o trabalho do filósofo Judeu, Franz Rosenzweig, em sua *A Estrela da Redenção* (1921), as contribuições de Martin Buber, e o livro de Leo Baeck *Das Evangelium als Urkunde der Jüdischen Glaubensgeschichte*² (1938). Em suas notas autobiográficas, Gerhart Riegner, que foi associado ao Conselho Mundial Judaico por mais de sessenta anos, identifica Cristãos como o anglicano James Parkes, o alemão Karl Theime, Paul Déman na França, e o teólogo católico Malcolm Hay como precursores dos princípios expressos em Seelisberg.

No nível sociopolítico, uma base primária para a renovação dessa relação dentro da população em geral foi a formação de várias associações Judaico-Cristãs. A primeira delas, o Conselho Nacional de Cristãos e Judeus, foi fundado nos Estados Unidos em 1927, seguido pouco tempo depois por uma fundação semelhante na África do Sul. O esforço foi para, em ambos os países, combater grupos hostis a minorias por razões raciais ou religiosas [...] que ameaçavam Católicos e Judeus. (RUTISHAUSER, 2008, p. 35-36)

Na mesma época e, pode-se dizer, fruto da mesma evolução da consciência, foi criado o **International Council of Christians and Jews³—ICCJ**, em 1946. **O ICCJ, organização guarda-chuva de associações nacionais dedicadas a encorajar o diálogo Judaico-Cristão, participou ativamente da Conferência, apresentando “Um Discurso para as Igrejas”. Em 1995 foi ampliado o Diálogo no âmbito do ICCJ, com a inauguração do Conselho do Fórum Abraâmico do ICCJ. O ICCJ influenciou a evolução do Diálogo no Brasil.**

“Jules Isaac,⁴ historiador francês de descendência judaica, foi um protagonista relevante na Conferência” (RUTISHAUSER, 2008, p. 37). Dois anos depois, em 1949, entregou ao Papa Pio XII uma lista com dezoito pontos que ele considerava necessário incluir na educação dos Cristãos sobre o Judaísmo. Anos mais tarde, quando João XXIII anunciou o Concílio Vaticano

² *O Evangelho como documento da história da fé Judaica.*

³ Conselho Internacional de Cristãos e Judeus.

⁴ Fundador do grupo *Amitié Judeo-Chretienne* (Amizade Judaico-Cristã).

II, Jules Isaac solicitou uma audiência com o Papa, com quem manteve alguns encontros. Segundo notas posteriores de Jules Isaac, no encontro em 1960, João XXIII teria dito a ele, “Eu já pensava a respeito desses temas quando começamos a conversar” e como resposta à sua questão se ele poderia sair do encontro com alguma esperança de evolução, o Papa teria assegurado a Jules Isaac: “ ‘Eu já tinha pensado nisso no início da nossa conversa’, e disse-lhe que ele poderia ir embora com ‘mais do que apenas esperança’” (ALLEN, 2020).

Também o Cardeal Bea, uma voz que se destacou no Concílio, expressou o seu empenho no diálogo em uma conferência, em Janeiro de 1964:

Aqui, talvez, devemos confessar muitas culpas, inclusive da própria Igreja. Vocês sabem o que disse o Santo Padre Paulo VI sobre a separação dos Cristãos: ‘Se entre as causas dessa separação, uma culpa possa nos ser imputada, dela peçamos humildemente perdão a Deus, e peçamos também o perdão aos irmãos que se sentiram ofendidos por nós’. Essas palavras muito impressionaram aos protestantes. E o mesmo se diga quanto aos Judeus. A Igreja, e principalmente os filhos da Igreja, os Cristãos, cometeram injustiças contra o Povo Judeu. Pode-se confessá-lo sem faltar com a verdade. (ACCATTOLI, 1997, p. 121)

Finalmente, a declaração *Nostra Aetate* aprovada pelo Concílio do Vaticano II sob a inspiração do Papa João XXIII, e promulgada por Paulo VI em 28 de outubro de 1965, transformou as relações entre a Igreja Católica e o Judaísmo, na medida em que contextualizou a condenação de Jesus, e decretou o fim da ideologia do ‘deicídio’, que alimentou o ódio e as perseguições por séculos. A *Nostra Aetate* também mudou a abordagem do Catolicismo e relação a religiões não-Cristãs.

Sobre a passividade dos Cristãos diante da perseguição nazista e extermínio de milhões de Judeus, a manifestação de João Paulo II talvez seja a mais explícita. Ao final de uma celebração ecumênica realizada em Roma, na basílica do Vaticano em 7 de dezembro de 1991 ele rezou:

SENHOR, nosso libertador, nas comunidades cristãs da Europa nem sempre levamos a efeito o vosso mandamento, mas confiando apenas nas forças humanas, fomos atrás de lógicas do mundo com guerras de religião, com lutas de cristãos contra cristãos, com a passividade diante das perseguições e diante do Holocausto dos Judeus, com a

crudelidade contra tantos justos. Perdoai-nos e tende piedade de nós.
(ACCATTOLI, 1997, p. 120)

O Papa Bento XVI também continuou a ação em favor do diálogo dos papas anteriores, com um constante contato com os representantes da comunidade Judaica. Uma sua notável contribuição para o diálogo ocorreu em seu livro publicado em 2011 “Jesus de Nazaré”, quando isentou os Judeus da responsabilidade pela morte de Jesus ao mencionar no livro que “a aristocracia do Templo em Jerusalém e as massas—e não o povo judeu como um todo— foram os responsáveis pela crucificação de Cristo” (GROSS, 2014, p. 24).

A conferência de 2009 do **International Council of Christians and Jews**—ICCJ, aconteceu em Berlim, com o tema “O Momento de Renovar o Compromisso: Diálogo Judaico Cristão 70 Anos depois do Início da IIª Guerra e o Holocausto”. Como uma revisão atualizada dos Dez Pontos de Seelisberg, o ICCJ emitiu uma declaração de princípios e compromissos com as bases do Diálogo: “Os Doze Pontos de Berlim: O Momento de Renovar o Compromisso.” (ICCJ, 2009)

Os ‘Doze Pontos de Berlim’ explicitam com linguagem direta e franca e detalham alguns dos ‘Dez Pontos de Seelisberg’, acrescentam outros e, acima de tudo, expandem as responsabilidades também aos Judeus e a outros grupos, enquanto nos ‘Dez Pontos’ a convocação para mudanças de postura na direção do diálogo era dirigida apenas aos Cristãos.

Os primeiros quatro pontos constituem uma convocação aos Cristãos e às Comunidades Cristãs e explicitam o combate ao antissemitismo de qualquer modalidade, trazem a necessidade de reconhecer a identidade profunda de Jesus como um Judeu de seu tempo e interpretar seus ensinamentos no contexto do Judaísmo do primeiro século, uma linguagem mais assertiva e direta que a dos ‘Dez Pontos’ onde os Cristãos tinham sido conclamados a apenas lembrar que Jesus nasceu de uma mãe Judia, da semente de David e do povo de Israel.

Os quatro pontos seguintes são uma convocação aos Judeus e às Comunidades Judaicas, para reconhecer os esforços realizados por numerosas comunidades Cristãs no final do Século XX para mudar a sua atitude em relação aos Judeus, reexaminar os textos e as liturgias judaicas à luz destas reformas Cristãs entre outros pontos. Já os quatro pontos finais fazem a convocação a ambos, Judeus e Cristãos, e às Comunidades Judaicas e Cristãs.

Os ‘Doze Pontos de Berlim’ em certa medida representam um avanço fundamental para o diálogo, uma vez que, diferentemente dos ‘Dez Pontos de Seelisberg’ e mesmo da *Nostra Aetate*, conclamam Cristãos e Judeus (além de outras tradições), e não se dirigem apenas aos Cristãos e ao Cristianismo. Inequivocamente, os ‘Doze Pontos de Berlim’ se valem dos avanços da *Nostra Aetate* e expandem seu apelo para o Diálogo, em que ambas as tradições são conclamadas a assumirem compromissos fundamentais, isoladamente e em conjunto, e ainda com abertura para outras tradições.

Em relação a movimentos realizados por Judeus no sentido da aproximação, alguns passos também foram dados ao longo do tempo. Por exemplo, em relação a um dos ‘Doze Pontos’—sobre textos ‘problemáticos’—pode-se citar a *birkat haminim*, comentada em outro ponto deste documento. Não obstante a conclamação dos ‘Doze Pontos’ poder dar a impressão de que nada havia sido feito até então, esta *brakhah* (benção), entre outros textos litúrgicos, tem sido objeto de revisões e atualizações ao longo dos séculos:

Bênção 12: **ברכת המינים**, “A Benção Contra os Sectários” [...] Nenhuma bênção sofreu tantas variações textuais como esta, algumas através do efeito natural da mudança dos tempos, e outros através da censura. É muito duvidoso que algum dia estaremos em posição de recuperar seu texto original. Ao longo da Idade Média, durante o tempo da disputa Reuchlin-Pfefferkorn, seu início é sempre citado como **ולמשומדים** “E sobre os Apóstatas.” Esta palavra foi preservada em apenas um livro de orações ainda em uso, o do Iêmen; também é encontrada na edição muito rara do rito Ashkenazi, Salonika, 1580 [...]. Nos livros de oração modernos, o texto foi submetido a muitas alterações, mas a mudança mais delicada seria eliminá-la completamente como foi feito no livro de orações de Berlim. (ELBOGEN, 1993, pp. 45-46)

Os ‘Doze Pontos de Berlim’ têm, portanto, a virtude de estabelecer compromissos e propor ações às duas correntes individualmente e em conjunto, e de não se limitar a elas.

O impulso para a intensificação do diálogo e aproximação pode ser intensamente observado nas ações do Papa Francisco. Já no início de seu pontificado, dirigiu-se à comunidade Católica por meio de uma Exortação Apostólica⁵ *Evangelii Gaudium* com intuito

⁵ A Exortação Apostólica é um dos documentos pontifícios utilizados pelo Papa para tratar de assuntos diversos, além de Bula, Motu Próprio, Encíclica e Constituição. Por meio delas o sumo pontífice trata sobre assuntos doutrinários, disciplinares, governamentais entre outros.

de promover a percepção da complementaridade das duas tradições, o diálogo e, especialmente, a substituição da preconizada ruptura, pelo sentido de herança Judaica para a tradição Cristã. Nesse documento, o Papa Francisco ousou ir frontalmente de encontro a ideologias largamente utilizadas para promover o dissenso, como a famigerada ‘revogação’ do pacto com Deus, um dos pilares da tradição Judaica, e a ‘necessidade’ de conversão como a única saída para os Judeus:

Um olhar muito especial é dirigido ao povo Judeu, cuja Aliança com Deus nunca foi revogada, porque «os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis» (Rm 11, 29). A Igreja, que partilha com o Judaísmo uma parte importante das Escrituras Sagradas, considera o povo da Aliança e a sua fé como uma raiz sagrada da própria identidade Cristã (cf. Rm 11, 16-18). Como Cristãos, não podemos considerar o Judaísmo como uma religião alheia, nem incluímos os Judeus entre quantos são chamados a deixar os ídolos para se converter ao verdadeiro Deus (cf. 1Ts 1,9). Juntamente com eles, acreditamos no único Deus que atua na história, e acolhemos, com eles, a Palavra revelada comum.

O diálogo e a amizade com os filhos de Israel fazem parte da vida dos discípulos de Jesus. O afeto que se desenvolveu leva-nos a lamentar, sincera e amargamente, as terríveis perseguições de que foram e são objeto, particularmente aquelas que envolvem ou envolveram Cristãos.

Deus continua a operar no povo da Primeira Aliança e faz nascer tesouros de sabedoria que brotam do seu encontro com a Palavra divina. Por isso, a Igreja também se enriquece quando recolhe os valores do Judaísmo. [...] Há uma rica complementaridade que nos permite ler juntos os textos da Bíblia hebraica e ajudar-nos mutuamente a desentranhar as riquezas da Palavra, bem como compartilhar muitas convicções éticas e a preocupação comum pela justiça e o desenvolvimento dos povos. (FRANCISCO, 2013)

Em 2015, celebrando os cinquenta anos da Declaração *Nostra Aetate*, o Papa Francisco publicou o documento “Porque o chamado e os dons de Deus são irrevogáveis”, que em sua conclusão confirma o compromisso com o Diálogo Judaico Católico do presente com vistas ao futuro, com três objetivos:

aprofundar o conhecimento recíproco entre Hebreus e Cristãos; comprometer-se juntos a favor da justiça, da paz, da salvaguarda da Criação e da reconciliação mundial; reagir contra toda discriminação racial referente aos hebreus, bem como qualquer forma de

antisemitismo que, por certo, não foi ainda plenamente erradicado e aflora com expressões diferentes, em contextos diferentes. (DCI Parte VII, n. 44-47) (*apud.* MAÇANEIRO, 2020, p. 710).

Em 17 de janeiro de 2016 o Papa Francisco visitou, junto com o Rabino Ricardo de Segni, a Grande Sinagoga de Roma. Ele foi o terceiro Papa a visitar a Sinagoga de Roma, seguindo o exemplo do Papa João Paulo II em 1986 e do Papa Bento XVI, em 2010. Na ocasião, o Papa Francisco reforçou a expressão usada na visita à Sinagoga de Roma pelo Papa João Paulo II de que os Judeus são os ‘irmãos mais velhos na fé’ dos Cristãos. Lembrou que todos pertencem a uma única família humana, a de Deus: “Judeus e Católicos que têm laços tão especiais, inseparáveis, por causa das raízes Judaicas do Cristianismo, devem se sentir irmãos, unidos pelo mesmo Deus, dotados de uma rica herança espiritual comum.” (FRANCISCO, 2016)

Nessa visita, ele também reafirmou as raízes judaicas do Cristianismo e sua condenação de todas as formas de antisemitismo.

Durante seu pontificado, o Papa Francisco frequentemente observou que um Cristão por natureza não pode ser antisemita porque o Cristianismo tem raízes judaicas. Se um Cristão fosse antisemita, ele cortaria o galho em que está sentado, renunciaria à sua identidade original, se desenraizaria e flutuaria em um espaço indefinido. (FRANCISCO, 2021)

O Papa Francisco lembrou ainda, na visita à Sinagoga de Roma, que merece ser sempre aprofundada a dimensão teológica do diálogo Judaico-Católico. A *Shoah* (literalmente ‘catástrofe’) deve nos ensinar à vigilância. As seis milhões de vítimas mortas durante a perseguição nazista foi uma ‘barbárie desumana’. O passado deve, sem dúvida, nos ajudar a servir de aprendizado para o presente e o futuro.

A *Shoah* ensina que devemos estar sempre extremamente vigilantes para poder intervir tempestivamente em defesa da dignidade humana e da paz. Em todas as partes do mundo é preciso colocar em prática uma lógica de paz, reconciliação, perdão e vida. (FRANCISCO, 2021)

As mudanças recentes podem ser ilustradas por um movimento iniciado em 1989. A abertura da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, que acontece na Itália, Polônia,

Áustria e Holanda, é precedida desde 1989, pelo ‘Dia para o Aprofundamento e Desenvolvimento do Diálogo entre Católicos e Judeus’, que passou a se integrar à ‘Semana de Oração’ como o evento de abertura (FRANCISCO, 2021). No Dia para o Aprofundamento ocorrido em 17 de janeiro de 2021, Dom Ambrogio Spreafico, presidente da Comissão Episcopal Italiana para o Ecumenismo e o Diálogo com o Judaísmo, sintetizou o caminho comum percorrido entre Judeus e Cristãos. Para ele, nos últimos anos houve avanços e sobretudo o diálogo foi enriquecido, porque, além das comunidades judaicas e dos rabinos italianos, de Toaff a Di Segni e muitos outros, um relacionamento muito bom foi estabelecido com os grandes rabinos, não só europeus, mas também americanos e principalmente israelenses. Se estreitam as relações com os Rabinos Chefes de Israel e isso ajuda a compreendermos melhor uns aos outros, e a continuar o trabalho que a Igreja Católica faz justamente “para intensificar a relação com o Judaísmo, com as raízes da nossa fé que são justamente as raízes judaicas. São raízes que encontramos na Sagrada Escritura, que é também para nós o fundamento da vida Cristã” (SPREAFICO, 2021). Infelizmente diante do aumento gradual de atos de antissemitismo na Itália e ao redor do mundo o Bispo Dom Ambrogio também constata que:

É algo ‘vergonhoso e dramático’ pois nos leva a perguntar se dentro de nossas próprias comunidades, ainda não existem sementes de antissemitismo e mal-entendidos decorrentes de uma certa leitura da Bíblia? Tudo isso deve nos questionar e nos ajudar a redescobrir essa raiz que está na origem da nossa fé. Pode parecer banal, mas muitas pessoas esquecem que Jesus, Maria, José e os apóstolos eram Judeus. Talvez às vezes nos esqueçamos e, portanto, deixemos de explorar essa riqueza que faz parte de nossa herança de fé e cultura. (...) Sem dúvida esse processo de compreensão e diálogo deve ser acolhido e transformado em cultura, ou seja, uma forma de pensar, falar, escrever e viver. (SPREAFICO, 2021)

O Diálogo Judaico-Cristão no Brasil

A história do Diálogo no Brasil remonta a 1962, quando foi criado o Conselho da Fraternidade Cristão Judaico—CFJ, filiado ao ICCJ, “Fruto do idealismo de um punhado de pessoas esclarecidas e generosas ele partiu da ideia de que o homem, imagem viva de Deus, é detentor de direitos inalienáveis e merecedor de todo respeito, independentemente de sua raça, crença e condição social”. (LAUFER, 1979, p. 258)

O CFCJ foi fundado por Hugo Schlesinger, da Comunidade Judaica, Humberto Porto, Padre da Igreja Católica e Izabel Wilken, Irmã da Comunidade de Sion. (SCHLESINGER, 1987, p. 35)

LAUFER detalha diversas publicações do CFCJ, e focaliza as produzidas em conjunto ou individualmente pelo Padre Humberto Porto e por Hugo Schlesinger, pioneiros do Diálogo no Brasil. Entre outros trabalho, o CFCJ publicou em Português ‘Os Doze Pontos de Berlim e A História da Transformação de um Relacionamento’, elaborado pelo ICCJ em 2009 (FONSECA, 2011, p. 14-24). O CFCJ ainda é atuante e tem sua sede no Colégio Sion, em São Paulo.

A Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico – DCJ foi criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB em 1981. É uma comissão permanente que tem a missão de articular em nível nacional o diálogo religioso entre Católicos e Judeus (DCJ, 2021). A Confederação Israelita do Brasil – CONIB é principal entidade da Comunidade Judaica participante do DCJ.

O DCJ promove anualmente dois encontros nacionais. Um com a perspectiva do intercâmbio de exegeses bíblicas e outro de discussões de temas emergentes na sociedade do nosso tempo, à luz das duas tradições.

O diálogo judaico-Cristão pós triunfalista

Por terem as duas religiões a mesma origem, uma vez entendidas, as diferenças podem ser respeitadas e o aprendizado pode acontecer nas duas direções, superando-se a raiva e a desconfiança que caracterizaram muitas das conversações ao longo do tempo.

Enquanto os ‘Doze Pontos de Berlin’ especificam atribuições aos que se dedicam ao Diálogo, David Novak nos alerta, porém, que há que se prestar atenção em certos limites e diretrizes no relacionamento interpessoal, que favorecerão o diálogo saudável. Ele descreve o que se deve buscar, e o que se deve evitar. Revendo as ações descritas neste documento, pode-se perceber que as que foram efetivas na aproximação e no diálogo, respeitam as proposições de Novak.

O que se deve buscar: enxergar o outro lado à luz de sua própria tradição e cuidar para que tal visão não distorça o que cada uma das tradições ensina como verdade.

O que se deve evitar: disputa, proselitismo, sincretismo, relativismo e triunfalismo.

Estas cinco condições negativas ao diálogo saudável não se constituem em definições estanques e apresentam áreas de superposição.

A disputa acontece quando alguém, ou um grupo, assume que tudo o que a outra tradição afirma é negado por sua própria tradição. É quando os candidatos ao diálogo se posicionam como adversários. Para um diálogo saudável e prolífico é preciso que os participantes ajam no melhor de suas capacidades para não tentar de qualquer forma constranger os membros da outra tradição, ou em qualquer nível, por mais sutil que seja, buscar alguma supremacia.

Quanto ao proselitismo, o diálogo deve ser um fim em si mesmo, e não deve ser usado como um meio para qualquer outra agenda. A disposição para o diálogo não pode ser confundida com uma tentativa de ‘negociar’ diferenças entre as tradições para abrir mão algumas práticas, conceitos ou princípios de sua própria tradição, e incorporar outras da outra tradição de modo a estabelecer um pacto novo e compartilhado. O diálogo rejeita o sincretismo.

No outro lado da moeda do sincretismo, encontra-se o relativismo, que pode apresentar alguma superposição com o proselitismo. Não é possível viver como Judeu e Cristão ao mesmo tempo, o que é demonstrado pela aceitação da conversão por ambas as tradições. Para o relativista não há diferenças essenciais entre as tradições.

Com superposições óbvias com a disputa, o triunfalismo pode enxergar o Cristianismo simplesmente como uma divergência do Judaísmo e o Judaísmo simplesmente como o precursor do Cristianismo ou que, no dia do ‘juízo final’ a outra tradição passará a não existir isoladamente pois terá se amalgamado àquela que finalmente triunfará.

Qualquer das cinco condições minam a possibilidade de sucesso do diálogo, em que se busca aprender e evoluir, cada um em sua própria tradição. (NOVAK, 2000, p. 1-6)

Raimon Panikkar propõe um aprofundamento do Encontro, que pode ajudar a entender os desafios e apreender algumas inovações. Segundo ele, há que se entender mais profundamente as características do diálogo. O diálogo dialético pressupõe que os seres humanos são racionais, e que nosso conhecimento é baseado na não-contradição. Se em uma discussão, um dos participantes é confrontado com uma aparente contradição, não lhe resta

outra alternativa senão desistir de seu ponto de vista ou posição, ou tentar de algum modo ultrapassar a contradição, sempre usando a *razão*. O diálogo *dialético* se dá em relação a ‘objetos de discussão’, enquanto o diálogo *dialógico* é sobre ‘sujeitos’; não sobre opiniões, mas sobre quem tem as opiniões. “Eles não dialogam sobre alguma coisa, mas sobre eles próprios [...]. Nós não temos um encontro entre ideias, puramente. Temos um encontro entre pessoas.” (PANIKKAR, 1999 p. 29-30). Ele salienta ainda que o diálogo dialógico considera o dinamismo radical da realidade, que está continuamente se criando e não apenas se desenvolvendo a partir de premissas pré-existentes. Ainda segundo Pannikar:

O encontro de religiões é um fato inescapável, hoje. Eu gostaria de formular um princípio que deve reger o encontro das religiões e extrair dele algumas implicações corolárias. O princípio é este: *o encontro religioso deve ser verdadeiramente religioso*. Qualquer coisa menor do que isso simplesmente não vai funcionar. (PANIKKAR, 1999 p. 61)

Para ele, este princípio tem implicações e demanda certas condições para funcionar. O Encontro deve ser isento de qualquer apologia específica ou geral, evitando-se ‘provar’ a verdade. O desafio da conversão deve ser encarado, uma vez que uma pessoa religiosa não é um fanático ou alguém que tem todas as respostas. Deve-se considerar que as religiões têm forte conexão com a humanidade, suas tradições e sua história, e não são apenas links ‘verticais’ com o Absoluto.

O Encontro não é apenas um Congresso de Filosofia, um Simpósio Teológico, ou meramente um empreendimento eclesiástico, devendo acontecer em vários níveis, e em cada nível com suas peculiaridades. Representantes do mundo religioso organizado tem o compromisso de preservar tradições, levando em conta os seus seguidores por quem são responsáveis. “O Encontro Religioso que temos em mente certamente irá pavimentar o caminho para Encontros Eclesiásticos e vice-versa, mas devem ser diferenciados e separados deles.” (PANIKKAR, 1999 p. 62-69)

O Diálogo é um encontro religioso, em Fé, Esperança e Amor, que não coloca ‘crenças’ como objeto da discussão, mas nós que acreditamos, cada um de nós, e os outros, cada um dos outros, o que pode nos levar a descobrir neles o que falta em nós. “O amor verdadeiro não visa a ‘vitória’ no encontro. Vai em busca do reconhecimento comum da verdade, sem apagar as diferenças ou silenciar as várias melodias da extraordinária e singular sinfonia

polifônica.” (PANIKKAR, 1999 p. 70)

A evolução do diálogo *dialético* para o diálogo *dialógico*, configura-se como uma emergência para a atual situação em que nos encontramos como sociedade humana, e para podermos viver como irmãos e como humanos, é fundamental nos encontrarmos como sujeitos, dialogando sobre nós próprios, mais do que sobre as opiniões ou pontos de vista que temos. A vida não é estática e o futuro é imprevisível, e apenas o diálogo permitirá evoluir para uma sociedade humana mais fraterna, o que talvez seja cada vez menos opcional, e cada vez mais uma *mitzvah*—mandamento—do nosso tempo.

O Rabino Zalman Schachter-Shalomi z"l, um dos fundadores do movimento Jewish Renewal, e um dos mais influentes rabinos do Judaísmo liberal do final do século XX e início do século XXI, costumava dizer “*The only way to get it together, is together*”, “*A única maneira de conseguir, é juntos*”. A tradução perde a força do jogo de palavras do texto original em inglês, que é uma exortação ao caminhar juntos para construir o futuro comum para toda a humanidade. O Rabino Zalman vai além e amplia a noção do diálogo, para envolver e se responsabilizar também pelo planeta, como manifestação divina, sem perder de vista os desafios que cada tradição tem em seu próprio campo:

Precisamos renovar o antigo à luz do radicalmente diferente. Precisamos escalar essa montanha juntos. Nunca antes vacilamos tão próximo a um precipício tão grande, empurrados por erros e pecados do passado na direção da destruição global. (SCHACHTER-SHALOMI, 1993, p. 7)

Tudo isso traz aos guardiões da religião grande ansiedade e preocupação. Isso significa que o que antes era considerado essencial não é mais válido? A sinagoga/igreja/mesquita estava errada em manter nossas diferenças o tempo todo? Será que o esforço para nos fazer dialogar não é nada além de outra manobra para homogeneizar toda a religião em alguma *mélange* sincretista em que cada um pode encontrar alguma maneira de lidar com o compromisso real? Essas ansiedades não podem ser evitadas retornando-se a uma posição estritamente fundamentalista. Sempre que a tradição é desafiada a se renovar, ela deve enfrentar essas crises. Sempre que uma religião se recusa a se renovar, ela se encontra sem adeptos. Como orientamos a direção entre a remoção de todas as tensões superficiais entre as religiões—perdendo assim o que é especial em cada uma—e a construção de paredes de concreto entre nós? Talvez precisemos explorar isso novamente e, depois de explorar, reformular nossos ensinamentos sobre as diferenças de nossas religiões. Vamos cada um

olhar para os ensinamentos sobre o *status* dos adeptos de nossas crenças-irmãs. (SCHACHTER-SHALOMI, 1993, p. 17)

Esse novo paradigma diz que tudo acontece dentro de um sistema. Cristianismo e o Judaísmo estão ambos dentro do mesmo sistema; um sistema que é Gaia, este planeta que está vivo. No momento em que você começa a fazer essa mudança e dizer: “O planeta está vivo e eu sou uma célula do planeta vivo”, então a fórmula da bênção, ‘*Baruch atah ha-shem, que é soberano sobre este mundo*’, significa algo diferente e mais imediato. Dirige-se a Gaia e *melech ha-olam* não é o Deus solar ou galáctico, mas o Deus desta Terra, da consciência deste planeta vivo. (SCHACHTER-SHALOMI, 2004, p. 20)

Quando a luz de ambas as tradições ilumina a realidade é possível enxergar melhor os caminhos a percorrer. Algumas intersecções se apresentam em que cremos juntos nos mesmos valores e na experiência de fraternidade possível num mundo dilacerado por divisões.

Otimismo, ingenuidade, realismo, esperança e sonhos? Debbie Weissman que há mais de quarenta anos dedica-se na defesa da liberdade religiosa em Israel nos apresenta uma bela reflexão: “Por que eu me chamo de uma ‘esperançosa’ pessimista? Porque eu já vivi tempo suficiente para saber que as coisas mudam, às vezes inesperadamente; e que as situações raramente permanecem estáticas, para melhor ou para pior.” (WEISSMAN, 2017, p. 184). É preciso sim ser otimista quanto às múltiplas possibilidades de vivermos juntos, de professarmos cada qual a sua fé, e de vivermos sim valores éticos e projetos humanitários juntos. Talvez essa seja sim, em nossas jornadas de fé, judaica ou Cristã, ou de qualquer outra manifestação religiosa, uma oportunidade de nos encontrarmos com Deus, presente igualmente naqueles que foram criados à Sua imagem e semelhança (Gn 1, 27), numa única família e humanidade.

REFERÊNCIAS

ACCATTOLO, Luigi. *Quando o Papa pede perdão. Todos os mea culpa de João Paulo II*. São Paulo: Paulinas, 1997.

- ALLEN Jr., John L. *60 years ago, a Pope met a Jewish icon and the world changed*; in: <https://cruxnow.com/news-analysis/2020/06/60-years-ago-a-pope-met-a-jewish-icon-and-the-world-changed/>; acesso em 25/1/2021.
- BIZON, José (org.). *Diálogo Católico-Judaico no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CHAZAN, Robert. *Christian-Jewish Interactions over the Ages* in FRYMER-KENSKY, Tikva (editor). *Christianity in Jewish Terms*. Boulder, CO. Westview Press, 2000, p. 7-24.
- DCJ. *Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico—Diretrizes*; em <http://casadareconciliacao.com.br/organismos-ecumenicos/dcj/>; acesso em 21/1/2021.
- ELBOGEN, Ismar. *Jewish Liturgy: a comprehensive history*. Jewish Publ. Soc., 1993.
- FONSECA, Gisa. *Os doze pontos de Berlim e a história da transformação de um relacionamento*. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, 2013*. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html; acesso em 19/1/2021.
- _____. *Discurso do Papa Francisco na Sinagoga de Roma, em 17/1/2016*. In: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/january/documents/papa-francesco_20160117_sinagoga.html; acesso em 20/1/2021.
- _____. <https://www.vaticannews.va/fr/pape/news/2021-01/pape-francois-angelus-juifs-chretiens-interreligieux-dialogue.html>; acesso em 20/1/2021.
- GROSS, Fernando. *O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga*. Distribuidora Loyola: São Paulo, 2014.
- HADDAD, Philippe. *Pour expliquer le Judaïsme à mes amis. Son histoire, ses rites, ses défis*. Paris: Éditions In Press, 2013.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *The prophets*. New York: Harper & Row, 1962.
- ICCJ. *A Time for Recommitment: Jewish Christian Dialogue 70 Years after War and Shoah*. Berlin, 2009. *white paper* disponível no site do ICCJ, em <http://www.iccj.org/A-Time-for-Recommitment-The-Twelve-Points-of-Berlin.184.0.html>; acesso em 25/1/2021.
- LAUFER, P. Frederico. *Diálogo Cristão-Judaico no Brasil*. Perspectiva Teológica, v.11, n.25, 1979, p. 257-276.
- MAÇANEIRO, Marcial; SOUSA, Cirlene Cristina. *A Igreja Católica e o Povo Judeu: do Ressentimento ao Reconhecimento*. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v.12, n.3, set/dez 2020, p. 695-713.
- MORSELLI, Cassuto Marco; MICHELINI, Giulio (Orgs.). *La Bibbia dell'Amicizia. Brani della Torah/Pentateuco commentati da ebrei e cristiani*. Milano: Edizioni San Paolo, 2019.
- NOVAK, David. *What to Seek and What to Avoid in Jewish-Christian Dialogue*. in FRYMER-KENSKY, Tikva (editor). *Christianity in Jewish Terms*. Boulder, CO. Westview Press, 2000, p. 1-6.
- PANIKKAR, Raimon. *The intrareligious dialogue*. Paulist Press, New York, N.Y. 1999.
- RUTISHAUSER, Christian M. *The 1947 Seelisberg conference: The foundation of the Jewish-Christian dialogue*. *Studies in Christian-Jewish Relations*, v.2, n.2, 2007, p. 34-53.
- SANCOVSKY, Renata Rozental. *Interações Judaico-Cristãs e Cultura Literária Polêmica no Mediterrâneo Tardo-Antigo*. WebMosaica – Rev. Inst. Cult. Jud. Marc Chagall, Porto Alegre, v.4, n.1 (jan-jun), 2012, p. 10-19.
- SCHACHTER-SHALOMI, Zalman. *Paradigm Shift: From the Jewish Renewal Teachings of Reb Zalman Schachter-Shalomi*. Jason Aronson Incorporated, 1993.

- _____. *Renewal is Judaism now: To see the power of heart in our time*. ALEPH: Alliance for Jewish Renewal. Bryn Mawr, PA. 2004.
- SCHIFFMAN, Lawrence H. *From text to tradition: A history of second temple and Rabbinic Judaism*. New York: KTAV Publishing House, Inc., 1991.
- _____. *Texts and traditions: A source reader for the study of second temple and Rabbinic Judaism*. New York: KTAV Publishing House, Inc., 1998.
- SCHLESINGER, Hugo. *Um diálogo sem preconceitos*. Conselho de Fraternidade Cristão-Judaica, 1987.
- SPREAFICO, Ambrogio. *Jornada de Diálogo com os Judeus: "Nós somos espiritualmente semitas"*. In: https://www.vaticannews.va/fr/eglise/news/2021-01/journeenationale-dialogue-juifs-italie.html?fbclid=IwAR3Oxo3iMZbiC52VwWBbsFRK7_SI-XmcpY7rMP5pOBpKIFavDBqMe3rURL0; acesso em 18/1/2021.
- de TOLEDO BERGERMAN, Maria Augusta. *Máscara e personagem: o Judeu no teatro brasileiro*. São Paulo. Perspectiva, 2013.
- WEISSMAN, Debbie. *Memoirs of a hopeful pessimist. A life of activism through dialogue*. Jerusalem: Urim Publications, 2017.